

Viagens transatlânticas: *Mongólia*, de Bernardo de Carvalho e *Longe de Manaus*, de Francisco José Viegas

Transatlantic travels: Bernardo de Carvalho's *Mongolia* and Francisco José Viegas' *Longe de Manaus*

ADENIZE FRANCO*

RESUMO: ESTE ARTIGO ANALISA OS ROMANCES *MONGÓLIA* (2003), DE BERNARDO CARVALHO, E *LONGE DE MANAUS* (2005), DE FRANCISCO JOSÉ VIEGAS, A PARTIR DO PROCESSO DE DESLOCAMENTO QUE AS VIAGENS TRANSATLÂNTICAS REPRESENTADAS NOS ROMANCES (PARA PEQUIM, MONGÓLIA E RIO DE JANEIRO, NO PRIMEIRO; PORTO, LUANDA E MANAUS, NO SEGUNDO) EVIDENCIAM AO ESTABELECEM RELAÇÕES COM A HISTÓRIA RECENTE DESSES PAÍSES E SEUS LUGARES.

ABSTRACT: THIS ARTICLE ANALYZES THE NOVELS *MONGÓLIA* (2003), BY BERNARDO CARVALHO, AND *LONGE DE MANAUS* (2005), BY JOSÉ FRANCISCO VIEGAS, FROM THE DISPLACEMENT'S PROCESS THAT THE TRANSATLANTIC TRIPS REPRESENTED IN THE NOVELS (TO BEIJING, MONGOLIA AND RIO DE JANEIRO, IN THE FIRST NOVEL; PORT, LUANDA AND MANAUS, IN THE SECOND NOVEL) EVIDENCE TO ESTABLISH RELATIONSHIPS WITH THE RECENT HISTORY OF THESE COUNTRIES AND THEIR PLACES.

PALAVRAS-CHAVE: DESLOCAMENTO; BERNARDO CARVALHO; FRANCISCO JOSÉ VIEGAS; VIAGEM.
KEYWORDS: DISPLACEMENT; BERNARDO CARVALHO; FRANCISCO JOSÉ VIEGAS; TRIP.

* Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – FFLCH-USP, docente de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Jacarezinho, pesquisadora do grupo CRELIT (Crítica e Recepção Literária) da UENP.

Basta uma visada sobre os títulos dos últimos romances do autor brasileiro Bernardo Carvalho, ou do português Francisco José Viegas, para verificarmos que ali se mostra um mapa que vai de Manaus a Mongólia, de Casablanca a São Paulo, de Lourenço Marques a Tocantins. As pegadas desenhadas nesse mapa revelam os espaços sobre os quais os personagens e as narrativas dos escritores assinalados se deslocam e, acima de tudo, corroboram a assertiva de Maria Alzira Seixo de que a viagem “da, e pela escrita é, de facto, um tópicos da literatura contemporânea” (SEIXO, 1998, p. 159). A ficção do presente evidencia esse personagem em trânsito a deslocar-se de um espaço a outro, como os cavaleiros medievais em suas demandas, sem que ele saiba exatamente para onde seguir.

Ao priorizar, neste artigo, a análise de dois romances de Língua Portuguesa publicados no último decênio: *Mongólia*, do escritor brasileiro Bernardo Carvalho, e *Longe de Manaus*, de Francisco José Viegas, consideramos, a partir deles, o trânsito recorrente a que são lançadas as personagens das narrativas e a busca dos elementos perdidos que confluem para a compreensão da história de si mesmas e dos espaços geográficos e históricos nos quais estão inseridas.

O trânsito efetivado pelos personagens da narrativa do presente engendra, portanto, um deslocamento constante que tenta unir os espaços físicos/geográficos aos espaços sociais e estéticos (ainda que, segundo Zygmunt Bauman, tais espaços sejam diferentes e sublimem um ao outro, acabando por se relacionar) ao espaço corpóreo de si mesmo. O filósofo vê na figura do arquipélago a metáfora para espaço cognitivo, pois “para cada residente no mundo moderno, o espaço social acha-se espalhado sobre um vasto mar de insignificância na forma de numerosos borrões maiores ou menores de conhecimento: oásis sem sentido e relevância no meio de um deserto sem feição” (BAUMAN, 2003, p.181).

Se a ficção do século XIX foi sedimentada na questão da temporalidade (e suas quebras), a ficção da segunda metade do século XX passou a problematizar o elemento narrativo *espaço*. Segundo Maria Alzira Seixo, essa problematização pode ser percebida em dois elementos: um deles se trata da representação, já que houve a fratura das estruturas fráscas - em Proust -, a multiplicidade de pontos de vista - em Joyce - e a encenação pessoal e minimalista - em Beckett -; o outro se trata da *linearidade de inclusões pontuais possíveis*, uma vez que a “concepção do mundo como aldeia global” e toda a

conjuntura (tecnologia de informática, viagens interplanetárias e experiências nucleares, para citar algumas) alteraram o modo de “pensar a deslocação e os valores de fixação humana” (SEIXO, 1998, p.155). Tal processo de deslocamento, inclusive, não pode ser pensado apenas em termos geográficos, posto que a deslocação (como assinala Seixo) dá-se, também, no tempo, na geografia e na linguagem. Especialmente, na narrativa ficcional contemporânea em que a história passada vem a ter com o presente.

Assim, sem querer enquadrar a ficção em análise como romances de viagem, há que considerá-las como narrativas dentro do espaço contemporâneo, que revelam a ênfase da pós-modernidade, e na representação, em forma paródica, de um meta-conhecimento, como proposto por Linda Hutcheon. Nesse ínterim, é possível compreender a “viagem [...] como um acto de sentido a determinar em relação à radicação de base (incompletude? Excesso?) do sujeito que a efectiva” (SEIXO, 1998, p.30). Ou seja, existe uma busca que o sujeito empreende no deslocamento, que reverbera uma demanda de si, e não necessariamente da revelação de um crime ou de pontos turísticos que marcarão sua visita nesses espaços descobertos ou a descobrir. Assim, é possível constatar que a viagem se tornou um tópico da literatura contemporânea, revelando-se como a busca de um sentido através do espaço.

Zilá Bernd, na introdução do *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010), aponta que as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer em quatro situações: 1) no espaço; 2) no tempo; 3) no nível do discurso; e 4) no nível da linguagem. As duas primeiras formas nos interessam de modo mais significativo porque se referem sobremaneira às duas instâncias que atravessam nosso estudo. Em relação à mobilidade referente ao espaço, Z. Bernd cita como exemplos as viagens, deambulações, deslocamentos e *flâneries*; e à mobilidade relacionada ao tempo, a autora menciona as “ocorrências de grandes saltos temporais em obras ficcionais e poéticas” (BERND, 2010, p.12).

Assim, é possível perceber nas ficções contemporâneas, procedimentos que engendram essas mobilidades. Narrativas que podem ser observadas como metáforas, ora do trânsito linguístico e discursivo, por exemplo, quando operam a construção de discursos distintos, como é o caso das cartas, do diário e do enredamento narrativo elaborado pelo diplomata narrador, em *Mongólia*; ora o trânsito temporal que engendra a reconfiguração da história

de determinados lugares e dispõe, a partir desse deslocamento espacial, outra visada sobre o passado, como se observa em *Longe de Manaus*.

Convém considerar que o símbolo da viagem passa a ser o da “doce des-territorialização”¹. Termo marcado por um tom de ironia, numa tentativa de endossar que, diferentemente das diásporas impositivas que imprimem tristeza, mágoa e dor de estar em terra estrangeira e ser sufocado pelo sentimento de não-pertencimento, trabalha com a sensação do viajante-turista, ou do indivíduo moderno ou pós-moderno que compreende a viagem como “aprendizado”. Dois aspectos podem ser pensados a partir dessa referência de Michel Maffesoli. A primeira trata-se do viajante turista de hoje, que está mais preocupado em fotografar, filmar ou registrar espaços caracteristicamente turísticos a vivenciar a experiência do viajante que, por sua vez, está preocupado em participar do cotidiano desse espaço desconhecido.

Zygmunt Bauman toma como metáfora para o homem contemporâneo os seguintes tipos: o peregrino, o turista, o vagabundo e o jogador. Próximo do peregrino, portanto, está o viajante. O peregrino viaja para olhar, para se adaptar aos lugares, para ter esperança, para quem a viagem possui sentido existencial e para ir em busca da identidade. Enquanto o turista viaja para passar o tempo, para que os lugares se adaptem a ele, para esperar mais do que ter esperanças, para quem a viagem nada tem de existencial e para ir em busca de alteridade.

As caracterizações, em que tanto o peregrino quanto o turista se tornaram e que irão se distinguir no decorrer do pensamento de Z. Bauman, figura a vontade do indivíduo pós-moderno em se lançar, por vontade, ao desconhecido, carregando, quando muito, algumas incertezas na bagagem, consumindo emoções e colecionando experiência. Ao fazer com que o indivíduo saia de sua clausura e se relacione com o Outro, com a natureza, ao mesmo tempo em que se afasta de seu passado e laços afetivos, a errância age como terapia. Afinal, para o autor, a peregrinação favorece a apreensão tanto do aspecto constante da deambulação humana quanto da sua reatualização contemporânea.

¹ Segundo Z. Bauman, “Não há mais ‘fronteiras naturais’ nem lugares óbvios a ocupar. Onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico (e por isso muitas vezes sentimos uma ânsia premente de encontrar – de inventar – uma razão)” (BAUMAN, 1999, p.85).

Esta reatualização contemporânea é que permite verificar a dimensão epistemológica da errância quando se percebe que o nomadismo é sintomático do espírito do tempo.

[...] a errância pós-moderna é aquela mesma que pode permitir lançar uma ponte entre o mundo contemporâneo e os valores tradicionais cuja revivescência impressiona todos os observadores sociais. Seu denominador comum é exatamente o fato de que essas iniciações não se satisfazem com uma existência estável, funcional, puramente racional e instrumentalizada, mas usam a pluralidade da pessoa, pelo viés do fantástico, do imaterial ou de outros procedimentos imaginários (MAFFESOLI, 2001, p.112-3).

A consideração de M. Maffesoli sustenta a necessidade de imaginação e invenção do homem contemporâneo através, justamente, da relação entre o mundo em que está inscrito e os valores que lhe antecederam através da errância e do nomadismo. Nesse contexto, inscreve-se a ficção contemporânea, que tem demonstrado articular o trânsito que incide sobre o indivíduo pós-moderno, tanto espacial quanto temporal, como percurso de deslocação em sua existência. O deslocar-se coloca em xeque muitas das verdades mensuráveis do sujeito. Em contato com o Outro e consigo mesmo, sua subjetividade é a instância sobre a qual se reflete. Por isso, a figura da “pedra que rola”, citada pelo autor, é o exemplar emblemático de

[...] uma identidade em movimento, uma identidade frágil, uma identidade que não é mais, como foi o caso da modernidade, o único movimento sólido da existência individual e social. A vida errante é uma vida de identidades múltiplas e às vezes contraditórias. Identidades plurais podendo conviver seja ao mesmo tempo seja, ao contrário, sucessivamente (MAFFESOLI, 2001, p.118).

Para aquele que viaja (na metáfora do peregrino, em Z. Bauman), importa muito mais o percurso que a chegada, assim como ao labirinto, importa mais o percurso que guarda do que a saída. E se os caminhos do labirinto, ainda que tortuosos, procuram conduzir o jogador ao seu centro, assim é a viagem (na ficção ou na realidade) que procura conduzir o homem ao seu centro interior, mesmo que esse centro seja a margem.

A recorrência às concepções de Zigmunt Bauman e Michel Maffesoli serve como introdução para se compreender as noções de deslocamento nas narrativas *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho, e *Longe de Manaus* (2005), de

Francisco José Viegas. É possível observar, em ambos os romances, o desfalecimento² de espaços e fronteiras. Algumas considerações sobre a questão do *deslocamento espacial* buscam apresentar as relações existentes entre os espaços geográficos percorridos nas narrativas em análise e que podem conduzir ao diagnóstico de um ‘espaço oscilante’. Tal designação permite verificar a existência de um tempo também oscilante, uma vez que é devedor da memória. Essa condição acaba por promover uma reconfiguração contínua da(s) identidade(s) narrativas expostas nos romances, posto que essa reconfiguração é derivada dos vetores tempo-espaço.

No caso dos romances utilizados como referência, percebe-se a incidência de um deslocamento espacial que se dá de forma oscilante. Em *Mongólia*, o trânsito geográfico se dá entre Pequim, Xangai, o deserto de Gobi, Rio de Janeiro e Mongólia. Em *Longe de Manaus*, Angola, Macapá, Porto, São Paulo, Manaus, Amarante, Moçambique. Essa oscilação geográfica corrobora um deslocamento temporal. Em termos de construção narrativa, o que se dá é uma memória construída fragmentariamente e que deriva desses espaços percorridos.

Uma das passagens de *Mongólia* (2003) revela a primeira parte da estada do desaparecido na Mongólia em seu diário,

[...] Quem viaja por toda a Mongólia vai encontrando pelo caminho amontoados de pedras, como pequenas pirâmides com faixas e estandartes azuis fincados no topo. São os ovoos, que marcam os locais onde há maior proximidade entre o céu e a terra e maior facilidade de comunicação com os espíritos. Designados pelos xamãs, em geral ficam em pontos altos da paisagem, mas nem sempre. É de bom agouro para o viajante jogar uma pedra e dar três voltas em torno do ovo, em sentido horário, sempre que depara com um. Na Mongólia, a terra reflete o céu. A sombra das nuvens corre pelo deserto e pelas estepes. O céu está sempre tão perto. A paisagem não se entrega. O que você vê não se fotografa (CARVALHO, 2003, p.41, palavras sublinhadas no texto).

² Lícia Soares de Souza, em definição de *Deriva*, assinala que a ficção que resulta do pensamento à deriva pode ser caracterizada como *ficção do esquecimento* ou *linha interrompida*. Em indagação quanto à questão do esquecimento, a crítica afirma “[...] desfazer-se de uma lógica temporal, desconfigurando o presente e reforçando o passado a desfalecer, e dissolver a atenção e lembranças são atitudes daquele que entra no labirinto e que aí encontra a desordem do mundo; são atitudes que guiam o processo cognitivo e afetivo de quem empreende formações discursivas de deriva, desligadas do percurso ordenado dos fatos, dos encadeamentos dos signos verbais e visuais, para se concentrar sobretudo nos silêncios que os separam” (In: BERND, 2010, p. 91-2).

O destaque do fragmento encontra-se no relato do desaparecido sobre uma situação característica do espaço pelo qual transita. Um dos primeiros relatos apresentados na narrativa revela seu caráter viajante (“Quem viaja”), seu contato com tradições e ritos locais (“amontoados de pedras como pirâmides” / *ovooos* = bom agouro) e a relação geográfica que essa tradição inscreve. Nesse romance, portanto, pode-se perceber tal oscilação a partir do deslocamento do Ocidental à procura do desaparecido. Além de transitar por entre os espaços de Mongólia, em específico por sua geografia desértica³, o personagem entra em contato com os nômades, grupo representativo do caráter de deslocamento.

“Talvez você não tenha entendido o meu trabalho quando me contratou. Não brinco em serviço. Você me pediu para fazer o mesmo percurso que fiz com ele há seis meses. Acontece que esse percurso depende das pessoas que encontramos no caminho. **Num país de nômades, por definição, as pessoas nunca estão no mesmo lugar. Mudam conforme as estações. Os lugares são as pessoas. Você não está procurando um lugar. Está procurando uma pessoa. Pois é atrás dela que eu estou indo**”. (CARVALHO, 2003, p. 115, grifos meus, aspas no texto.)

A passagem que revela a fala do guia mongol expressa essa mobilidade geográfica e pode ser compreendida enquanto metáfora do lugar como pessoa, pois o nomadismo torna-se o referencial do indivíduo que nunca se encontra no mesmo lugar, que está sempre transitando. E, ainda que em outro momento, esse indivíduo, por exemplo, um integrante das tribos mongóis, monte sua *iurta* no que seria o mesmo lugar, como a geografia da Mongólia é basicamente o deserto, o vento transformou esse espaço de modo que não pode mais ser identificado como aquele habitado no passado. Ele já não pode ser mais o mesmo porque não há certeza se *este* espaço é *aquele* do passado. Além disso, a passagem é reveladora quando estabelece relação entre o espaço geográfico pelo qual se transita e a identificação dos personagens que são configurados por esses espaços ao afirmar que “os lugares são as pessoas” e, portanto, o que se procura não é “lugar”, mas sim a “pessoa”. Nesse caso, a identificação

³ Conforme o estudo de Michel Maffesoli, é possível compreender o deserto como a metáfora do nomadismo. Há uma ética do deserto enquanto “território flutuante” que “não predispõe a coisas estabelecidas com seu cortejo de certezas e de hábitos esclerosantes” (MAFFESOLI, 2001, p.181).

espacial passa a ser a identificação pessoal e a busca não diz respeito a uma coisa objectual, mas a um ser humano.

É possível observar, nesse sentido, o imbricamento entre o deslocamento espacial motivado pela procura ao Desaparecido e o deslocamento temporal quando essa demanda recupera a história do passado comum dos dois personagens principais: o Ocidental e o Desaparecido. Tal relação entre os vetores espaço-tempo irá configurar ou re-configurar suas identidades e sua memória.

Não dá para saber quando e onde a história começa. Uma coisa leva a outra, e a coerência parece só ter efeito retroativo. Está escrito no diário do rapaz: “Ninguém sabe nada de lugar nenhum. Aprenderam a não se comprometer. O passado, quando não se perdeu, agora são lendas e suposições nebulosas. Eles não têm outro uso para a imaginação. Durante séculos, os lamas se encarregaram de imaginar por eles. Durante setenta anos, o partido se encarregou de lembrar por eles, no lugar deles. Agora lembrar é imaginar. Às vezes prefiro quando dizem que não sabem ou não se lembram de nada” (CARVALHO, 2003, p.132, itálico da obra).

Nessa passagem, a relação com o passado histórico da Mongólia torna-se emblemática. Primeiro, o domínio exercido pela religião dos lamas, representado pelo grande número de templos que constituem a imagem central do país. Segundo, o domínio político exercido pelo partido comunista soviético, também evidenciado na paisagem e no próprio arruinamento dos templos destruídos pelos soldados e a imposição de suas premissas.

A desconfiguração do passado que essas dominações representam institui o deslocamento da memória. O romance de Bernardo Carvalho, nesse sentido, procura demonstrar a fragilidade das identidades contemporâneas que convivem com seu passado em ruínas. Torna-se evidente dessa característica a sentença “lembrar é imaginar”. Não existe uma ação retroativa (ainda que o discurso do Ocidental tente apontar para essa saída) que possa conduzir à recuperação da memória, porque isso não é mais possível. Tantas foram as mudanças, que o que resta é imaginar o que foi esse passado. É notável, ainda, no texto que pertence ao diário do desaparecido, a (re)visão do período histórico (setenta anos) em que os *lamas* dominaram a Mongólia e do período histórico (setenta anos) dominado pelo partido comunista. Ou seja, o fragmento destaca o que se compreende dos discursos da história, nos quais são difundidos por aqueles que dominam e escrevem essa história. Nesse sentido,

a lembrança que existe é fruto de discursos imaginados.

Em *Longe de Manaus* (2005), do escritor Francisco José Viegas, sub-intitulado ‘o romance da solidão portuguesa’, a narrativa centra seus acontecimentos na investigação do assassinato de Álvaro Severiano Furtado. Tal investigação é conduzida pelo seu personagem mais reconhecido, o detetive Jaime Ramos. Durante o desenvolvimento do enredo, outros assassinatos são cometidos em lugares diferentes e que acabam por se entrelaçar à procura de Ramos pelo assassino inicial.

Ao deter-se na procura do detetive Jaime Ramos pelo assassino de Álvaro Furtado, encontrado morto em seu apartamento localizado no bairro de Santo Ovídio, na cidade do Porto, o romance também incide sobre as mais variadas travessias que o detetive precisa realizar para encontrar respostas (ou histórias) para a identidade do morto – subvertendo, por isso – a ordem das narrativas policiais que incitariam à procura do assassino.

A busca empreendida por Jaime Ramos conduzi-lo-á a mais assassinatos ocorridos em outros lugares: a moça Shirlei, prostituta brasileira que trabalhava em um bar e é encontrada morta em Amarante, litoral português; Helena, funcionária de uma agência do banco Bradesco, em Higienópolis, São Paulo; as jovens prostitutas mortas num barco em Manaus e, também, Salim Furtado, filho de Álvaro Furtado, encontrado morto em uma duna em Macapá, depois de doze dias incógnito numa gaveta do Instituto Médico Legal da região. Este último é, ao lado da procura pelo assassino, também, ‘obsessão’ de Jaime Ramos, uma vez que homem morto encontrado por ele, deixou como herdeiro de uma herança significativa esse filho que ninguém sabe o paradeiro e a própria existência.

Essa busca permitirá ao detetive construir uma história para organizar e dar sentido à morte de Álvaro Severiano Furtado, sobre o qual não há informação alguma. A vida do assassinado será reconstituída a partir das evidências que Jaime Ramos irá coletar durante as investigações. A partir desses dados, será possível tentar compreender a vida desse personagem que entrou para a infantaria do exército português, desertou, escondeu-se durante dois anos em Sambade, reapresentou-se ao quartel e foi para o combate em Luanda. Depois de 1973, não se teve mais notícias suas até que, em 1981, reaparece, sendo o beneficiário de um depósito de oitenta mil contos, o equivalente, hoje, a seiscentos mil euros.

Esta breve síntese não consegue, efetivamente, dar conta das várias idas e vindas dos personagens nesse romance de F. J. Viegas. Este trânsito a que são lançadas as personagens não se apresenta de forma apenas geográfica e espacial, mas também memorialística. As fronteiras espaciais transpostas refletem-se nas memórias, especialmente de Jaime Ramos, que irão se diluindo no decorrer da narrativa, apresentando-se como uma camada necessária para a compreensão da história dos personagens.

O projeto estético de Francisco José Viegas imprime a preocupação característica dos autores portugueses contemporâneos em “acertar” as contas com os recentes processos históricos nos quais Portugal se vê envolvido, como o período pós 25 de abril, a entrada no mercado global gerido pela União Europeia e uma grave crise econômica que recai sobre o país. Trata-se, contudo, de um acerto de contas regido pela reinvenção e reconstrução dessa história que revela em José Saramago o nome mais significativo. No caso dos romances de Viegas, é nítida a necessidade reiterada de procurar um passado que se perde nas ruínas da memória. Especialmente, da memória recente de Portugal embaçada nas névoas das guerras coloniais. O trânsito, portanto, entre Brasil, Portugal e África sugere não apenas um deslocamento de espaços, mas ainda a relação com uma memória (dos personagens e da história) que também mudou de lugar e, por isso, exige no presente, se não uma revisão ou reescritura, um olhar crítico que emerge a partir desses fatos passados.

O deslocamento em *Longe de Manaus*, assim como entrevisto no romance *Mongólia*, não sugere apenas a mobilidade espacial, cujos personagens transitam, especialmente, entre Brasil, Portugal e África. Sugere, também, as mobilidades temporal e linguística.

Como nos romances de Camilo Castelo Branco, como nas novelas antigas, como nos folhetins passados nos conventos. A filha de um homem rico engravidada de um homem pobre, um criado apaixonado. O pai envia-a para um convento onde ela dá à luz. A morte vem castigá-la mais tarde, por intervenção divina, e o criado é enviado para o degredo ou foge para o Brasil. Para que não fale, o pai da jovem entrega-lhe algum dinheiro, na condição de que não volte àquela casa nem suje o nome da família desonrada com a ameaça da denúncia. Ele, sem dignidade nem honra, aceita o dinheiro e desaparece para sempre.
- A história é essa – disse Jaime Ramos. Ramiro concordou, com um aceno. (VIEGAS, 2005, p.419)

É possível que a história não seja essa. Atrelado aos dramas das novelas clássicas, o narrador onisciente de *Longe de Manaus* sinaliza uma das possíveis histórias de Álvaro Severiano Furtado. História em trânsito por entre as histórias de Manaus, Luanda e Amarante. Histórias de política, de guerra e de traições e, também, histórias recorrentes a Camilo Castelo Branco.

O deslocamento temporal ajusta-se a esse trânsito quando a explicação para o presente encontra-se no passado. Nas linhas do pensamento de Jaime Ramos é possível perceber o quanto o passado se apresenta como peça-chave tanto para a construção de si quanto dos fatos que estão por serem desvendados, “Havia um cheiro desconhecido que, a pouco e pouco, lhe devolvia os mapas da sua adolescência ou de um passado mais recente, nem feliz nem infeliz. Apenas passado” (VIEGAS, 2005, p. 400). Os fragmentos pertencentes à cena do interrogatório de Jaime Ramos ao Sr. Raul Gomes e sua sequência (como sabedor de mais alguns fatos) conduzem à importância do passado individual e, também, coletivo dos personagens; a condução ao passado através desses rastros deixados no presente. Ressalte-se que, nesse romance, Jaime Ramos também faz parte do passado que investiga, pois a narrativa deixa reconhecer o encontro (porque Jaime Ramos também lutou na guerra colonial) entre ele e o advogado Henrique Praia Portocarrero na Guiné, em finais de 1971 (“alferes Ramos e capitão Portocarrero”). É nesse sentido que o “cheiro desconhecido” permite a sensação de dois momentos passados do personagem: a adolescência ou a juventude recente. Esse adjetivo assinala o “passado recente” da história de Portugal que “vem a ter” com o personagem. O reencontro que evidencia a passagem é emblemático nas narrativas de Francisco José Viegas porque esse passado histórico é marcado pelo discurso avaliativo e, inclusive, demasiadamente crítico de uma geração que consegue perceber as atrocidades provocadas pela guerra ao mesmo tempo em que percebe seu alheamento a tal condição.

Por sua vez, o deslocamento linguístico, que procede no nível do discurso como assinala Zilá Bernd, é visível em *Mongólia*, no uso de três discursos diferentes: o do narrador-diplomata, das cartas do Ocidental e do diário do Desaparecido e, inclusive, marcadas distintivamente em sua forma tipográfica. Já no romance de Francisco José Viegas temos esse deslocamento ao atribuir duas formas discursivas no uso da língua portuguesa: ora português de Portugal (quando as ações narrativas se passam em Portugal e África), ora

português brasileiro (quando as ações decorrem em espaços geográficos do Brasil). Outro elemento interpretativo que essa abordagem conduz é a importância dada à língua portuguesa do Brasil como forma de emancipação de seu princípio colonizador. O empreendimento (tomado como escolha/opção) do autor encerra um posicionamento de resistência política quando ousa estabelecer as diferenças linguísticas entre um país e outro. Ao dar visibilidade para o discurso em português do Brasil, o autor dá autonomia para esse discurso dentro da obra literária.

É através desse discurso literário enquanto amálgama que é possível compreender os deslocamentos até aqui considerados, como exemplo de que a ficção contemporânea em língua portuguesa encerra um comprometimento não somente com o imaginário em si, mas com o imaginário (ainda que não seja essa a preocupação dos autores) como forma de discussão do presente e da memória do presente, seja em seus espaços de trânsito ou de seus trânsitos pelos espaços.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Claudia. *Entrevista com Bernardo Carvalho*. Disponível em: <<http://www.c-e-m.org/reflexoes/019/4.htm>, janeiro de 2003>, acesso em 25 de junho de 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Espaços Sociais: Cognitivo, Estético e Moral*. In: _____. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2003, p.167-212.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *Turistas e vagabundos*. In: _____. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERND, Zilé (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance: ensaios de genologia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- VIEGAS, Francisco José. *A luz do Índico*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- _____. *Longe de Manans*. São Paulo: Record, 2007.
- _____. *Longe de Manans*. 5ed. Porto: Asa editores, 2005.